

ROMANCE VENCEDOR DO  
MAN BOOKER PRIZE 2008



**O TIGRE**  
ARAVIND ADIGA  
**BRANCO**



TRADUÇÃO  
MARIA HELENA ROUANET





**PRIMEIRA  
NOITE**

*Para:*

Sua Excelência Wen Jiabao,  
Gabinete do primeiro-ministro,  
Beijing,  
Capital da China, nação amante da liberdade

*De:*

“O Tigre Branco”  
Um homem que pensa  
E um empresário  
Que vive no centro mundial da tecnologia e da terceirização  
Cidade da Eletrônica, Setor 1 (juntinho da Hosur Main Road)  
Bangalore, Índia

Ex.<sup>mo</sup> sr. primeiro-ministro,

Nem V. Ex.<sup>a</sup> nem eu falamos inglês, mas há certas coisas que só podem ser ditas nessa língua.

Minha ex-patroa, a ex-mulher do falecido Mr. Ashok, Pinky Madam, me ensinou uma delas; e, hoje, às 23h32, ou seja, dez minutos atrás, quando a locutora da All India Radio anunciou “O primeiro-ministro Jiabao chega a Bangalore na semana que vem”, usei essa expressão imediatamente.

Na verdade, toda vez que um grande homem como V. Ex.<sup>a</sup> visita o nosso país, digo isso. Não que eu tenha algo contra os grandes

homens. A meu modo, considero-me um deles. Mas, sempre que vejo nosso primeiro-ministro e seu distinto séqüito indo para o aeroporto naqueles carros pretos, depois, saindo do carro, nos cumprimentando, fazendo a saudação *namaste*, bem diante das câmeras de TV, e declarando que a Índia é um país santo e impoluto, tenho que dizer essa tal coisa em inglês.

Ora, V. Ex.<sup>a</sup> vem nos visitar na próxima semana, não é mesmo? Em geral, a All India Radio é confiável quanto a esses assuntos.

Era gozação, Excelência.

Ha!

Foi por isso que resolvi lhe perguntar diretamente se essa sua visita a Bangalore era verdade. Porque, se for, tenho algo importante a lhe dizer. Veja bem, a locutora da rádio disse: “Mr. Jiabao vem em missão oficial: quer saber a verdade sobre Bangalore.”

Senti o sangue gelar nas veias. Se há alguém que sabe a verdade sobre Bangalore, esse alguém sou *eu*.

Logo a seguir, a locutora anunciou: “Mr. Jiabao quer se encontrar com alguns empresários indianos e ouvir, de sua própria boca, a história de seu sucesso.”

E acrescentou uma breve explicação. Aparentemente, vocês, chineses, estão muito à frente de nós sob todos os aspectos; só que têm empresários. E nosso país, embora não disponha de água potável, eletricidade, rede de esgoto, transporte público, noções de higiene, disciplina, cortesia ou pontualidade, dispõe *efetivamente* de empresários. Milhares e milhares deles. Especialmente no campo da tecnologia. E esses empresários — nós — implantaram todas essas empresas de terceirização de serviços que, virtualmente, fazem a América funcionar nos dias de hoje.

V. Ex.<sup>a</sup> espera aprender como fabricar uns poucos empresários chineses. É por isso que vem nos visitar. Fiquei todo satisfeito ao ouvir isso. Mas, depois, me lembrei que, de acordo com o protocolo internacional, o primeiro-ministro e o ministro do Exterior do

meu país vão recebê-lo no aeroporto com guirlandas, estatuetas de Gandhi feitas de sândalo e uma pasta repleta de informações sobre o passado, o presente e o futuro da Índia.

Foi nesse momento que eu *tive* de dizer a tal coisa em inglês. Bem alto.

Isso aconteceu às 23h37. Cinco minutos atrás.

Não me limito a xingar e reclamar. Sou um homem de ação e de mudanças. Decidi imediatamente ditar uma carta para V. Ex.<sup>a</sup>.

Para começar, permita que lhe diga como admiro essa antiga nação que é a China.

Li sobre sua história em *Narrativas eletrizantes sobre o Oriente exótico*, livro que encontrei no chão, numa época em que tentava me instruir freqüentando a feira de livros usados que havia aos domingos, na Velha Déli. As histórias eram principalmente sobre piratas e ouro em Hong Kong, mas também encontrei ali algumas informações interessantes: o livro dizia que vocês, chineses, são grandes amantes da liberdade em geral e da liberdade individual. Os britânicos tentaram transformá-los em escravos, mas vocês não os deixaram fazer isso. Eis aí algo que admiro, sr. primeiro-ministro.

Antigamente, eu era empregado de uma família, sabe?

Só três nações jamais se deixaram governar por estrangeiros: a China, o Afeganistão e a Abissínia. E são as três únicas nações que admiro.

Em nome do respeito que tenho pelo amor à liberdade demonstrado pelos chineses, e também da crença de que o futuro do mundo está nas mãos dos homens de pele amarela e marrom, agora que o nosso antigo amo, o homem branco, se perdeu completamente em meio à sodomia, ao uso dos telefones celulares e ao abuso de drogas, venho lhe oferecer, inteiramente de graça, a verdade sobre Bangalore.

Vou lhe contar a história da minha vida.

Veja bem, quando V. Ex.<sup>a</sup> chegar a Bangalore, e parar num sinal de trânsito, logo vai aparecer um menino para bater no vidro da janela do seu carro. Nas mãos, ele terá uma versão pirata de um li-

vro de negócios americano, cuidadosamente encapado em plástico e com um título do gênero:

DEZ SEGREDOS DO SUCESSO NOS NEGÓCIOS!

ou

COMO SE TORNAR UM EMPRESÁRIO EM SETE DIAS, COM TODA FACILIDADE!

Não desperdice o seu dinheiro comprando esses livros americanos. Eles são tão *ultrapassados*...

Já eu sou o futuro.

Em termos de educação formal, posso até deixar a desejar. Ou, para ser mais claro, nem terminei os estudos. Mas, e daí? Não li muitos livros, mas li todos os que importam. Sei de cor as obras dos quatro maiores poetas de todos os tempos — Rumi, Iqbal, Mirza Ghalib e um outro sujeito cujo nome esqueci. Sou um empresário autodidata.

E esses são os melhores, pode acreditar no que lhe digo.

Depois que tiver ouvido a história de como cheguei a Bangalore e me tornei um dos seus homens de negócios mais bem-sucedidos (embora seja, provavelmente, um dos menos conhecidos), V. Ex.<sup>a</sup> saberá tudo o que precisa sobre como o espírito empresarial nasce, se nutre e se desenvolve neste indivíduo que é o glorioso homem do século XXI.

Ou, mais especificamente, o século dos homens de pele *amarela* e *marrom*.

V. Ex.<sup>a</sup> e eu.

É quase meia-noite, Mr. Jiabao. Uma boa hora para eu lhe contar essa história.

Fico acordado a noite toda. E não há mais ninguém nesse meu escritório de quatorze metros quadrados. Só eu e, acima de mim,

o lustre; se bem que ele tem lá sua personalidade própria. É um troço enorme, cheio de pedacinhos de vidro em forma de losango, parecido com aqueles que se viam nos filmes da década de 1970. Embora as noites em Bangalore sejam bem frescas, mandei instalar um miniventilador — com cinco pás vazadas — exatamente acima do lustre. Assim, quando ele gira, as pás recortam a luz do lustre, espalhando-a pela sala toda. Igualzinho àqueles globos que existem nas melhores discotecas de Bangalore.

Este é o único lugar de quatorze metros quadrados nesta cidade que tem o seu próprio lustre! Nem por isso deixa de ser um cubículo, e passo a noite inteira sentado aqui.

É a maldição do empresário. Ele precisa cuidar do seu negócio o tempo todo.

Agora, vou ligar o miniventilador para que as luzes do lustre se espalhem pela sala.

Estou relaxado, sr. primeiro-ministro. E espero que V. Ex.<sup>a</sup> também esteja.

Vamos lá.

Mas, antes de começar, devo lhe dizer que a frase em inglês que aprendi com minha ex-patroa, a ex-esposa do falecido Mr. Ashok, Pinky Madam, é:

*What a fucking joke!*



Pronto.

Meus olhos estão abertos outra vez.

São 23h52 — já está mais que na hora de começar.

Antes, porém, um alerta regulamentar, como nos maços de cigarro.

Um dia, quando eu estava levando meus ex-patrões, Mr. Ashok e Pinky Madam, no Honda City que eles tinham, Mr. Ashok pôs a mão no meu ombro e disse:

— Encoste o carro.

Em seguida, chegou tão perto de mim que pude sentir o cheiro da loção pós-barba que ele usava (naquele dia, era um cheiro frutado, delicioso) e declarou, educadamente, como sempre:

— Quero lhe fazer algumas perguntas, Balram. Pode ser?

— Pois não, patrão — respondi.

— Quantos planetas existem no céu, Balram? — indagou ele.

Respondi da melhor maneira que pude.

— Quem foi o primeiro primeiro-ministro da Índia, Balram?

E prosseguiu, perguntando:

— Qual é a diferença entre um hindu e um muçulmano, Balram?

E ainda:

— Como se chama o nosso continente?

Depois, voltou a recostar no banco do carro e, virando-se para Pinky Madam, perguntou:

— Ouviu as respostas dele?

— Era brincadeira? — indagou ela, e o meu coração começou a bater mais depressa, como sempre acontecia quando Pinky Madam dizia alguma coisa.

— Não. Ele acha *mesmo* que essas são as respostas certas.

Ela deu uma risadinha ao ouvir isso, mas o rosto *dele*, que eu via refletido no retrovisor, estava sério.

— Na verdade, ele deve ter... o quê? Dois, três anos de escolaridade? Sabe ler e escrever, mas não entende o que lê. É meio cru. Este país está cheio de gente como ele, pode ter certeza. E confiamos nossa gloriosa democracia parlamentarista — prosseguiu Mr. Ashok, apontando para mim — a figuras como essa. Aí está a verdadeira tragédia deste país.

E suspirou.

— Tudo bem, Balram, pode seguir com o carro.

Aquela noite, fiquei deitado na cama, sob o meu mosquitoieiro, pensando naquelas palavras. Ele tinha toda razão, sr. primeiro-ministro. Não gostei do jeito como disse aquilo, mas era a pura verdade.

“A autobiografia de um indiano meio cru.” Este deveria ser o título da história da minha vida.

Eu e milhares de outros indivíduos neste país somos meio crus, porque nunca temos a possibilidade de completar nossos estudos. Abra a nossa cabeça, examine o seu interior à luz de uma lanterna, e vai encontrar um estranho museu de idéias: frases de história ou de matemática, decoradas de livros escolares (posso lhe garantir que ninguém se lembra tão bem de sua escolaridade como as pessoas que tiveram de sair da escola); frases sobre política lidas num jornal enquanto se espera alguém chegar a um escritório; triângulos e pirâmides vistos nas páginas rasgadas dos velhos livros de geometria usadas, por todas as casas de chá deste país, para embrulhar um salgado; trechos do noticiário da All India Radio; várias coisas que caem na nossa cabeça, como uma lagartixa despencando do teto, naquela meia hora que levamos para pegar no sono — imagino que todas essas idéias, meio formadas, meio digeridas e meio corretas, misturadas a outras já meio cozidas na nossa cabeça, transem umas com as outras, gerando outras tantas idéias meio formadas, e, assim, vamos agindo e vivendo.

A história de minha educação é a história de como se produz um sujeito meio cru.

Mas preste atenção, sr. primeiro-ministro! Os sujeitos inteiramente formados, depois de doze anos de escola e três de universidade, usam lindos ternos, entram para empresas e passam o resto da vida recebendo ordens de outros homens.

Já os empresários são feitos de barro meio cru.



Para lhe dar os fatos mais elementares a meu respeito — origem, altura, peso, desvios sexuais conhecidos etc. —, nada melhor do que esse cartaz. O que a polícia fez de mim.

Mas devo admitir que dizer que sou a menos conhecida das histórias de sucesso em Bangalore não seria inteiramente verdade. Há cerca de três anos, quando me tornei, em poucas palavras, alguém de importância nacional, graças a um ato de empreendedorismo, era possível ver uma foto minha em todas as agências de correio, estações ferroviárias e delegacias de polícia deste país. Naquela época, muita gente viu o meu rosto e o meu nome. Não tenho o original, mas baixei uma reprodução dele no meu laptop Macintosh prateado — que comprei via internet, de uma loja em Cingapura, e que realmente funciona às mil maravilhas — e, se V. Ex.<sup>a</sup> quiser esperar um segundo, ligo o laptop, abro a imagem escaneada e leio exatamente o que está escrito ali.

Antes, porém, preciso lhe dizer algo sobre o cartaz original. Eu o vi numa estação ferroviária em Hyderabad, quando estava viajando sem bagagem alguma — à exceção de uma bolsa vermelha pesadíssima —, vindo de Déli para Bangalore. Por um ano inteirinho, guardei o cartaz aqui mesmo, neste escritório, na gaveta desta escrivaninha. Um dia, o faxineiro estava mexendo nas minhas coisas e quase achou a tal foto. Não sou um sujeito sentimental, Mr. Jiabao. Isso é algo que os empresários não podem se permitir. Então, joguei o cartaz fora — mas, antes, consegui alguém para me ensinar a escanear imagens — e V. Ex.<sup>a</sup> sabe que nós, os indianos, gostamos tanto de tecnologia quanto os patos gostam de água. Em uma ou duas horas, já tinha aprendido. Sou um homem de ação, Excelência. E, agora, aqui está ele, na tela, bem na minha frente:

PROCURA-SE HOMEM DESAPARECIDO

Informa-se ao público em geral que o homem desta foto, chamado Balram Halwai, mais conhecido por MUNNA, filho de Vikram Halwai, condutor de riquixá, está sendo procurado para ser interrogado.

**Idade:** entre 25 e 35 anos. **Pele:** escura. **Rosto:** oval. **Altura:** aproximadamente 1,65m. **Constituição:** magro, franzino.

Bem, essa descrição não é mais *exata*, Mr. Jiabao. A referência à pele escura continua a ser verdade — embora eu ande bem tentado a experimentar um desses cremes clareadores que foram lançados recentemente para que os indianos possam ficar parecendo ocidentais —, mas o resto, infelizmente, já mudou por completo. A vida aqui em Bangalore é muito boa — comida farta, cerveja, boates... Portanto, o que se há de fazer? “Magro” e “franzino” — ha! Digamos que estou mais em forma hoje em dia! “Gordo” e “barrigudo” seriam os termos mais apropriados.

Mas, vamos adiante, porque, afinal, não temos a noite toda. É melhor eu explicar logo esse outro trecho:

**Balram Halwai, mais conhecido por MUNNA...**

O que aconteceu foi o seguinte: no meu primeiro dia de aula, o professor mandou todos os alunos fazerem uma fila e chegarem perto da sua mesa para ele anotar os seus nomes. Quando lhe disse qual era o meu, ele me olhou espantadíssimo.

— Munna? Mas isso não é nome!

E tinha razão. *Munna* significa simplesmente “menino”.

— Mas é o único que tenho, professor — disse eu.

E era verdade. Nunca tinham me dado um nome.

— Sua mãe não escolheu um nome para você?

— Ela é muito doente, professor. Fica deitada na cama e cospe sangue. Não teve tempo de pensar nisso.

— E seu pai?

— Ele é condutor de riquixá, professor. Também não teve tempo de pensar nisso.

— Você não tem uma avó? Tias? Tios?

— Eles também não tiveram tempo.

O professor virou para o lado e deu uma cusparada — um jato de *paan* vermelho se estatelou no chão da sala de aula. Depois, passou a língua pelos lábios.

— Bom, então, eu é que vou ter de fazer isso, não é mesmo? — observou ele, passando a mão pelo cabelo. — Vou chamá-lo... *Ram*. Não, espere. Tem algum *Ram* nessa turma? Não quero que isso acabe dando confusão. Vai ser *Balram*. Sabe quem foi *Balram*, não sabe?

— Não, professor.

— O companheiro inseparável do deus *Krishna*. Sabe qual é o meu nome?

— Não, senhor.

— *Krishna* — disse ele, rindo.

Quando voltei para casa naquele dia, disse a meu pai que o professor tinha me dado um nome novo.

— Se é o que o professor quer — disse ele, dando de ombros —, podemos chamá-lo assim.

Desde então, passei a me chamar *Balram*. Mais tarde, adotei um terceiro nome, é claro. Mas vamos chegar lá.

Ora, que tipo de lugar é esse em que as pessoas se esquecem de dar nome aos filhos?



Muitas vezes, implorei a *Kusum* que me levasse ao topo da colina, que passássemos pelos portões e entrássemos no forte. Ela, porém, dizia que eu era covarde e morreria de medo se fosse até lá: um lagarto enorme, o maior do mundo, morava naquele lugar.

Então, tudo o que eu podia fazer era ficar olhando. As seteiras compridas daquelas muralhas pareciam linhas de um rosa ardente ao nascer do sol e de ouro em brasa na hora do poente; o céu azul reluzia nas fendas das pedras, enquanto a lua brilhava sobre as muralhas recortadas, e os macacos corriam por elas, gritando e brigando entre si, como se fossem os espíritos reencarnados dos guerreiros mortos, voltando a combater sua derradeira batalha.

Eu também queria ir lá em cima.

Iqbal, um dos quatro melhores poetas do mundo — os outros são Rumi, Mirza Ghalib e um quarto, também muçulmano, cujo nome esqueci —, escreveu um poema onde diz, a respeito dos escravos:

Permanecem escravos porque não podem ver o que há de belo no mundo.

É a maior verdade que alguém jamais disse.

Esse sujeito, Iqbal, foi um grande poeta — mesmo *sendo* muçulmano.

(Por falar nisso, sr. primeiro-ministro, já reparou que os quatro maiores poetas do mundo são muçulmanos? E que, apesar disso, todos os muçulmanos que a gente encontra são analfabetos, andam enfiados em burcas pretas, cobertos dos pés à cabeça, ou ficam procurando prédios para explodir? É desconcertante, não é mesmo? Se V. Ex.<sup>a</sup> conseguir entender essas pessoas, me mande um e-mail.)

Mesmo em criança, eu podia ver o que era belo no mundo: o meu destino era não permanecer escravo.

Um dia, Kusum descobriu a minha história com o forte. Resolveu me seguir desde lá de casa até o lago com as pedras, e viu o que eu estava fazendo. Naquela noite, contou a meu pai:

— Ele fica parado ali, embasbacado, olhando para o forte, exatamente como a mãe dele fazia. Ouça o que lhe digo, esse menino não vai dar boa coisa na vida.

Quando eu tinha uns treze anos, resolvi ir até o forte sozinho. Fui andando por dentro do lago, cheguei ao outro lado e subi a colina. No momento em que estava a ponto de entrar, um troço preto se materializou bem diante do portão. Dei meia-volta e desci correndo a colina, tão apavorado que não conseguia nem gritar.

De longe, pude ver que era apenas uma vaca, mas estava abalado demais para voltar lá para cima.

Tentei fazer isso várias outras vezes, mas era tão covarde que, sempre que estava quase conseguindo, entrava em pânico e acabava voltando.

Quando eu tinha vinte e quatro anos, estava morando em Dhanbad e trabalhando como motorista de Mr. Ashok, voltei a Laxmangarh, levando meus patrões a passeio por lá. Aquela foi uma viagem importantíssima para mim, e espero poder descrevê-la com mais detalhes se o tempo permitir. Por enquanto, tudo o que quero lhe contar é: enquanto Mr. Ashok e Pinky Madam estavam descansando, depois do almoço, fiquei sem ter o que fazer e, então, decidi tentar novamente. Atravessei o lago a nado, subi a colina, passei pelo portão e entrei no Forte Negro pela primeira vez. Não havia quase nada ali dentro — só umas muralhas em ruínas e um punhado de macacos assustados me olhando de longe. Trepei na muralha e, lá de cima, fiquei olhando a aldeia. Minha pequena Laxmangarh. Vi a torre do templo, o mercado, o brilho da valeta de esgoto, as casas dos ricos, e a minha própria casa, com aquela mancha escura do lado de fora: a búfala d'água. Fiquei olhando para aquilo como se fosse a paisagem mais linda do mundo.

Depois, me debrucei na borda da muralha, voltado para a minha aldeia e fiz, então, uma coisa nojenta demais para contar aqui.

Bom, na verdade, o que fiz foi *cuspir*. Diversas vezes. E, depois, assobiando e cantarolando, desci a colina novamente.

Oito meses mais tarde, cortei a garganta de Mr. Ashok.



Visite o site do livro:  
[www.otigrebranco.com.br](http://www.otigrebranco.com.br)